

## Corpos além da medida

**Maria Helena Franco de Araujo Bastos**

Universidade de São Paulo

Palavras-chave: dança, vapor, controle

Sou uma “artista do corpo” cujas pesquisas se configuram em pensamentos coreográficos. A sala de aula é sempre uma extensão dos meus projetos de pesquisa. Nos meus procedimentos artísticos-pedagógicos entendo o corpo como uma construção evolutiva que emerge de uma ação e não algo que nasce pronto. A partir do ato de dançar, a percepção do meu corpo em relação aos espaços que ocupa se transformou, ampliando entendimentos sobre outras possibilidades de relações do corpo com o espaço e vice-versa. Organizo dança na relação da dependência mútua entre corpo e espaço no sentido co-evolutivo como propõe o pensamento contemporâneo.

Sustento que ao nos disponibilizarmos para o que acontece no momento de cada ação e identificarmos qual a necessidade da intervenção daquele ambiente, colaboramos para uma configuração no espaço em que o corpo torna-se um agente modificador de toda a nossa percepção neste espaço. Neste sentido, o espaço se modifica a cada ação deste corpo.

A partir deste panorama, a proposta é que o sujeito construa um fazer a partir de suas relações com o mundo. Estas geram condutas coerentes no mundo entre o ser e a prática do ser. O “ser” e o “fazer” estão indissolúvelmente entrelaçados.

Não ao acaso, este discurso surge da necessidade de compartilhar um processo de criação enquanto uma práxis construída no mergulho de investigação em estudos do corpo na cena, no percurso da construção do espetáculo *Vapor* que teve sua estréia no “Rumos Itaú Cultural Dança 2006/2007”. O pensamento de *Vapor* partiu do desejo em apontar que hoje, mais que nunca, uma escolha é sempre uma questão política, mesmo àquela gerada pela cooperação entre dois corpos que dançam na construção de um ambiente da cena. São novos valores que formam a mentalidade contemporânea. Não importa mais quantas aquisições pessoais se façam, e assim a liberdade de escolha de cada um é severamente limitada. Tais aspectos se tornam mais paradoxais quando vistos da perspectiva da corporalidade. Estes são corpos enriquecidos com poder intelectual e cooperativo, e corpos já híbridos. O que a criação nos oferece na pós-modernidade são, portanto, corpos “além da medida”.

Dançar, compor, improvisar é vivenciar em sua processualidade não linear, processos de alta complexidade descobertos no funcionamento do corpo humano. Este procedimento de quem trata de pensar/refletir/organizar dança, dialoga com a ciência uma vez que o processo de criação também leva a realizações imprevistas.

## Corpos além da medida

**Maria Helena Franco de Araujo Bastos**

Universidade de São Paulo

Palavras-chave: dança, vapor, controle

O desafio é afinar este conhecimento discursivo com as questões discutidas no corpo e no modo como este se configura quando se propõe a discutir no corpo conceitos. Nesta relação, proposições reflexivas são negociadas e vivenciadas nas leis específicas de um corpo pesquisador em dança.

A dança depende diretamente das noções de espaço e tempo e daquilo que nos habituamos a chamar desde cedo *movimento*. Este implica os conceitos de massa, peso, volume, espaço, tons, dinâmica, deslocamentos, quedas, entre outros, que vão negociando no ambiente sinestésico a proposição de um mergulho investigativo no corpo que pensa dança.

Processos de criação em dança propiciam ao seu inventor organizar conceitos no corpo. Cada corpo manifesta, na sua atuação, uma história pessoal e social: conflitos, escolhas, competências, acasos, turbulências, negociações, adaptações e construções. Um ato criativo observado sob o foco de sua continuidade demonstra as diversas práticas em uma cadeia de relações. São formadas redes de operações muito ligadas entre si. Neste sentido, existem formas de entendimentos que estão enraizados nos padrões da atividade corporal. No pensamento de Mark Jonhson e George Lakoff torna-se claro a relação do desenvolvimento conceitual ou dos esquemas conceituais por estarem implicitamente ligados às nossas experiências vividas, sejam estas práticas ou reflexivas. Neste contexto, cognição depende dos tipos de experiências decorrentes de se ter um corpo com diferentes competências sensório-motoras. Além disso, essas competências sensório-motoras individuais estão inseridas em um contexto biológico, cultural e psicológico bastante abrangente.

A partir da idéia de que é um corpo que define a “conceituação” e a nossa forma de atuação no mundo, precisamos entender uma série de pressupostos filosóficos que venham a garantir como verdades, parte dessas “experiências vividas”. É através das interações corporais que criamos um mundo e aprendemos a entender e agir nele, com graus diversos de adequação. Pode-se afirmar que o corpo define a possibilidade de conceituação. Lakoff e Jonhson afirmam que: *Sistemas vivos devem ser categorizados. Na medida em que somos seres neurais, nossas categorias são formadas através de nossa “incorporação”. O que isso significa é que as categorias que construímos são parte de nossa experiência. (1999:19)*

As relações estabelecidas entre diferentes naturezas estão diretamente ligadas nas condições e competências em que cada ambiente se percebe inserido. O corpo é entendido como mídia, não mais como um instrumento ou um suporte para um determinado fim. Sob este viés, existe uma relação co-evolutiva entre corpo e os diferentes ambientes em que este se insere. A informação que

## Corpos além da medida

**Maria Helena Franco de Araujo Bastos**

Universidade de São Paulo

Palavras-chave: dança, vapor, controle  
chega de fora, no corpo, não permanece a mesma. Ela é transformada. Não existe a idéia de preservação, nem do que está dentro e nem do que está fora. O que se pressupõe é que neste contato corpo⇌ambiente existem contaminações: tanto do corpo pelo ambiente como do ambiente pelo corpo. Christine Greiner e Helena Katz apontam: *O corpo é o resultado desses cruzamentos, e não um lugar onde as informações são abrigadas. É com esta noção de mídia de si mesmo que o corpomídia lida, e não com a idéia de mídia pensada como veículo de transmissão. (2005:131)*

Corpomídia é um processo constante, permanente e transitório, de assentamento dessas trocas inesgotáveis com o ambiente onde mora. E a dança como um pensamento que transita entre Biologia e Cultura, uma vez que assumimos a habilidade de dançar se formar a partir do sensório-motor do corpo que, como qualquer outro organismo se transforma pela informação que agrega. Acreditamos que o corpo gerencia uma série de problemas provocados por questões que estão implícitas entre idéias e ações corporais no espaço. Por tudo isso, a necessidade de gerar mais informações nesses novos tempos é conduta obrigatória, o que exige do artista um aprendizado de forma conectiva entre diferentes universos.

Criar um espaço de investigação de linguagem da cena torna-se importante para o artista testar no corpo outras construções. No mundo contemporâneo, estas configurações surgem num ambiente que está entre diferentes fronteiras cujos limites estão cada vez mais borrados. O desafio é construir algo no corpo de modo singular e específico do universo da dança, ao mesmo tempo em que se dialoga com outros universos, sejam estes, da física, biologia, psicologia, teatro. Katz defende que um corpo ao aprender a dançar, promove uma das mais extraordinárias assembléias entre as suas aptidões evolutivas, uma vez que dançar implica na montagem de uma teia sofisticadíssima de acordos entre os sistemas envolvidos na formação do corpo humano. Buscamos estabelecer uma relação direta do corpo no espaço da cena que implica diferentes atitudes, a partir de conexões inusitadas. Estas perpassam a disponibilidade de trocar idéias com outros, como também uma prontidão: ao escolher, percorrer e resolver publicamente um problema. Dançar é um problema!

Se dançar é lidar com problemas, uma proposição de criar pesquisa de linguagem pode partir basicamente de procedimentos de “manipulação”, por exemplo, como foi o caso do espetáculo *Vapor* criado por dois dançarinos (neste caso eu e Raul Rachou). Conceitos de dança foram criados no modo como os corpos se movimentavam. Um aparentemente era o controlador, não à toa este foco já construía uma proposição corporal que podemos chamar de prontidão na cena. Aqui existia a necessidade de um corpo com o tônus bem alto. O outro corpo à princípio era o controlado,

## **Corpos além da medida**

**Maria Helena Franco de Araujo Bastos**

Universidade de São Paulo

Palavras-chave: dança, vapor, controle disponível, “de vir gasoso”. Um corpo preparado nesta manipulação para resolver em cena problemas que o agente controlador propunha. Neste caso a prontidão era outra. Exigia um tônus muito baixo, um raciocínio rápido que se resolvia na cena. Neste ambiente não existe certo ou errado, mas, probabilidades, aproximações ou afastamentos. Um pensamento é configurado em cena, nos corpos, no instante. Uma luz simples acompanha também dançando com o olhar, sublinhando contornos entre claro e escuro. Nesta dramaturgia de dança não existe a marcação “X” com gesto “Y”. Dependendo das condições e do modo como estes dois corpos vão resolvendo na cena o que se aflora é que o controle não está nem com um, nem com o outro. O controle está nele mesmo. Não se representa nada. Configuramos em cena o discurso de um conceito sobre “controle”.

*Vapor* leva os intérpretes a recombinarem o pensamento coreográfico que pressupõem que o indivíduo pode organizar informações em um grande número de formas complexas e flexíveis, sem se afastar do pensamento que promoveu todas estas diferentes conexões. *Vapor* cria estados na cena que muitas vezes nos remetem leituras destes corpos como argilas, estruturas porosas remodeladas a cada instante. *Vapor* o pensamento se formaliza em uma estratégia pictórica de provocar no observador um mergulho cujas imagens não são concludentes.

### **BIBLIOGRAFIA:**

GREINER, Christine (2005). *O Corpo. Pistas Para Estudos Indisciplinares*. São Paulo: Annablume.

KATZ, Helena (1994). *Um, Dois, Três: A Dança é pensamento do Corpo*. FID: Belo Horizonte

LAKOFF, George e MARK, Johnson (1999). *Philosophy in the Flesh: The Embodied Mind and its Challenge to Western Thought*. New York: Basic Books.